

## O absurdo e a revolta como condições do sujeito ético

João Everton da Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto visa demonstrar, face aos conceitos de “absurdo” e “revolta”, que existem uma aproximação entre a obra *Memórias do Cárcere* (1953) de Graciliano Ramos (1892-1953) e a obra *O Mito de Sísifo: um ensaio sobre o absurdo* (1941) de Albert Camus (1913-1960) como características do sujeito ético que leva em consideração uma edificação harmônica entre o homem e a natureza e entre o homem e os outros homens. Verifica-se a existência de descrições camusianas dos homens absurdos na figura do escritor. Ambos os conceitos presentes na literatura destes dois escritores se tornam importantes para o enriquecimento de uma postura social mais atuante, estatuto da construção do sujeito ético enquanto ser consciente de si e dos outros, dotado de vontade, de responsabilidade e, conseqüentemente, de liberdade. A realização humana passa necessariamente por uma postura ética que possa permear por dentro das instituições de formação, como na Família, no Estado e nas Igrejas. É por meio dessa necessidade de refletir sobre a dimensão ética no mundo contemporâneo e a confrontação com os mais variados temas presentes nas obras dos escritores Camus e Ramos que tecemos este texto, buscando ratificar a importância do direcionamento humano por meio da honestidade e da solidariedade como condições despertadoras para a realização da vida. Este está dividido metodologicamente em uma introdução, três partes e uma conclusão. A primeira parte é apresentado os conceitos de absurdo e de revolta presentes na filosofia de Albert Camus. A segunda parte versa sobre a postura ética de Graciliano Ramos. A terceira parte é sobre as “memórias” uma criação absurda. E, por fim, a conclusão. Na elaboração deste texto foi utilizada a pesquisa final FIP/PUC-Minas 97/019-P, intitulada “*Albert Camus e Graciliano Ramos: o absurdo e a revolta como condição do sujeito ético*”, do PIBIC/CNPq realizada como bolsista de agosto de 1997 a julho de 1998, sob a orientação do Prof. João Pereira Pinto (*In memoriam*), do Departamento de Filosofia e Teologia. Somente agora, vinte e dois anos depois, resolvi apresentar-lhe numa nova roupagem em forma de comunicação no prestigiado XIII Colóquio Vaziano, cujo tema é “Henrique Cláudio de Lima Vaz, 100 anos! O legado de uma vida de realização”.

**Palavras-chave:** Absurdo; Revolta; Albert Camus; Graciliano Ramos.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho visa, a partir dos conceitos de “absurdo e “revolta”, confrontar as obras “*Memórias do Cárcere*” (1953), de Graciliano Ramos (1892-1953), e “*O Mito de Sísifo: um*

---

1 Bolsista da PUC Minas. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (2019-2022) da PUC Minas, em Belo Horizonte (MG), com a pesquisa “FREI DAMIÃO DE BOZZANO (1898-1997): o conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro do século XX”, sob a orientação do Prof.: Dr. Rodrigo Coppe Caldeira. Endereço: Travessa Sítio Jatobá, 285. Saco Jatobá. CEP. 49600000 - jooeverton-cruz@yahoo.com.br. (79) 998166317

ensaio sobre o absurdo” (1941), de Albert Camus (1913-1960), observando nelas a hipótese de uma ética imanentista que leve em consideração uma construção harmônica entre o ser humano e a natureza e entre o ser humano e os outros seres humanos, permitindo-nos apontar interseções com os conceitos de absurdo e revolta do escritor franco-argelino Albert Camus. Este nasceu na Argélia, em Mondovi, província de Constantina, a 7 de novembro de 1913, e morreu num acidente de automóvel em janeiro de 1960. Em 1952 foi consagrado ao primeiro plano das Letras francesas e mundiais quando sobreveio o Prêmio Nobel de Literatura. A sua produção literária é uma das mais influentes nas gerações pós-guerra, por causa do teor humanístico da sua postura crítica acerca dos homens e da vida. Foi alguém que ultrapassou o seu tempo e os limites de sua época.

Já o alagoano Graciliano Ramos nasce a 27 de outubro de 1892, na pequena cidade de Quebrangulo, onde permaneceu por poucos anos, indo morar com seu pai, Sebastião Ramos, um negociante de miudezas, em Buíque, Pernambuco. Em meados de 1899 houve nova mudança, para a cidade de Viçosa, Alagoas. E, não tardou, logo depois, para Maceió. Passa a frequentar o Colégio Quinze de Março, espaços de suas primeiras experiências como escritor, como aparecem no periódico *Echo Viçosense* e no jornal carioca *O Malho*. Em 1933 publica o seu primeiro livro *Caetés* aos 40 anos. Em março de 1936 é preso, em Maceió, sem culpa formada, sob a alegação de que seria comunista, passando por várias prisões, em Maceió e Recife. Depois no porão de um navio para o Rio de Janeiro, onde permanece quase um ano na cadeia. Em setembro de 1952 é operado sem sucesso e em janeiro do mesmo ano é internado, falecendo no dia 20 de março, pela manhã, em 1953, no mesmo ano é publicado postumamente “*Memórias do Cárcere*”. Em “*Memórias*”, o mundo soa indiferente aos desejos humanos, seguindo inflexivelmente o seu curso, pois ali o homem é transformado em simples peça de engrenagem. A prisão transforma-se num imenso mecanismo do qual os presos são meras peças. A obra é um relato das experiências que Ramos, o homem absurdo, vive no contexto histórico do absolutismo novo.

Este estudo divide-se em três partes. Na primeira parte, trata-se dos conceitos de absurdo e revolta na primeira fase do pensamento de Albert Camus. O absurdo da existência humana em “*O Mito do Sísifo: um ensaio sobre o absurdo*”. É, pois, uma análise filosófica do absurdo da existência e de suas consequências. O conceito de absurdo aparece como fruto de uma reflexão e de um posicionamento existencial do ser humano diante das contradições da existência. Camus não cai no niilismo, pois, as experiências negativas servem para a partir delas atuar conscientemente. Na segunda parte, já de posse dos conceitos de absurdo e revolta, a ética imanentista de Graciliano Ramos em “*Memórias do Cárcere*”: 1) Viagens, 2) Pavilhão dos Primários, 3) Colônia Correccional e 4) Casa de Correção. *Memórias* é um tributo à vida. Isto porque a obra é um relato vivencial, porque são encontradas passagens importantes acerca dos valores éticos, a solidariedade e a caridade entre os detentos. Diante desta dura realidade, Ramos, assim como Camus, buscam desvendar o absurdo da condição humana e assim procedendo acabam especulando sobre o problema moral. Na terceira parte, já percorrido o caminho da ética imanentista, aborda-se sobre a obra de arte como “*criação absurda*”. E, por fim, uma conclusão. A melhor característica de uma obra de arte é

que ela pode unir o eterno e o novo, pois “a arte possibilita ver aquilo que nunca tinha visto”. A obra de arte como “criação absurda” em Ramos serviu para denunciar as contradições da sociedade, servindo-se, dessa maneira, como uma crítica social. Assim, na criação absurda não há espaço para ilusões e esperança, devendo ser ressaltado o divórcio entre o homem e o mundo, o absurdo e a revolta. Uma criação absurda é por princípios uma criação gratuita.

## 1. O SENTIMENTO DO ABSURDO E A REVOLTA EM ALBERT CAMUS

Sabe-se que o existencialismo é de difícil definição, pois o movimento tem um caráter plural, se apresenta no cenário mundial de várias formas e acolheu pensadores de influências como Martin Heidegger (1889-1976), Edmund Husserl (1859-1938), Karl Jaspers (1883-1969), Gabriel Marcel (1889-1973), Maurice Merleau-Ponty (1909-1961) e Albert Camus (1913-1960). O existencialismo está ligado ao filósofo francês Jean-Paul Sartre, embora o movimento não tenha surgido com ele na França, na verdade nasceu na Dinamarca, no início do século XIX, com o filósofo Kierkegaard (1813-1855). Este descreve a angústia como a experiência humana do ser livre. É uma experiência de poder escolher e também de optar. Com Sartre (1905-1980) o homem primeiramente existe, se descobre, somente depois se define. Desse modo, o homem não é nada mais além do que o seu projeto, em rota de direção ao futuro, engajando-se em atividades solidárias e nos acontecimentos sociais e políticos do seu tempo ou mesmo a *má-fé*, quando abdica da liberdade e vive o conformismo da ordem instituída e da tradição.

Os filósofos do movimento existencialista observam a existência como possibilidade. E possibilidade pressupõe algo que ainda não é. A existência, neste caso, é algo incerto e inseguro. A essência do ser humano é fruto da existência, das suas ações, das suas escolhas, segundo o pensamento existencialista. Já para Camus (1942), “um convicto defensor do monismo, não consegue justificar a imagem de um mundo desdobrado num *aquém* e num *além*”. Numa entrevista dada em 1959, disse Camus, “Tenho o senso do sagrado e não creio na vida futura” (CAMUS *apud* MONTANO, 1998, p. 481). Isto significa que a ética de Albert Camus é do engajamento civil, porque é condenado a ser livre, tem a angústia da escolha, donde pode aparecer o engajamento. O sentimento do absurdo e da revolta surgem a partir do ensaio filosófico de Albert Camus, “O Mito de Sísifo: um ensaio sobre o absurdo”, publicado em 1942. Absurdo, em grego, é conhecido pelo termo *átupon*, que traduzindo ao pé da letra significa “não lugar” e, portanto, inconveniente e ilógico. A inteligência, escreve Camus – me diz,

[...] portanto, a seu modo, que o mundo é absurdo; mas fui depressa demais. O mundo em si não é razoável: é tudo que se pode dizer. Mas o que é o absurdo é o confronto desse irracional com o violento desejo de clareza, cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo, e é esse, por enquanto, o único laço entre eles. Ele os sela um ao outro como

só o ódio pode vincular os seres. Isso é tudo o que posso discernir claramente neste universo desmedido, em que se desenrola a minha aventura. (CAMUS, 1942, p. 220).

Camus se identifica com a temática existencialista, no sentido de que o ser humano é concebido como um ser original, contingente e livre. O ser humano é chamado a fazer-se, a construir a própria existência. Isto porque existir significa marcar presença no mundo, na contingência e na temporalidade histórica. O tirar o véu da condição humana trouxe para o escritor argelino, como reação filosófica, o absurdo de cunho revoltado. O ser humano absurdo, sem deuses, vive num mundo que jamais consegue definir completamente, tendo consciência de que o absurdo nasce de seu confronto com o mundo, do seu desejo de clareza, que se opõe a um mundo desarrazoado. O primeiro problema apontado por Albert Camus para a humanidade é o sentido da vida humana. A partir daí outros problemas nascerão, conforme Camus,

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparecem em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo. (CAMUS, 1942, p. 23).

O sentimento do absurdo no seu ensaio filosófico não pode ser conceituado, mas deve ser vivido. Porque o mais importante não é a conceituação do absurdo, pois, Camus é enfático em afirmar que há “uma só coisa: esta espessura e esta estranheza do mundo – é o absurdo”. Não pode haver uma definição do absurdo, o que pode haver é uma enumeração dos sentimentos que o contém. O Mito de Sísifo foi escrito em 1941 e publicado um ano depois em 1942 e marca uma mudança literária do escritor, saindo do lirismo pessoal para ingressar nos caminhos da investigação intelectual, resultando numa análise racional da sensibilidade absurda e as suas implicações. Na esteira do mito de Sísifo, Camus aborda a discussão da probabilidade mais certa e insuperável, da qual nenhum escapa: **a morte**. Convida-nos à tomada de consciência sobre o divórcio que existe entre a separação do espírito humano em busca do eterno e o caráter acabado da existência. Camus, como Sísifo, odeiam a morte. Seu pensamento diante dela se constitui, em verdade, num apelo à vida.

A questão do sentido da existência humana é primordial, para Camus, porque dependendo da resposta que se der a esta interrogação, se configura também a opção por um modo de ação. Eis que a ação é mais importante que os “velhos” argumentos intelectualizados, embora esteja ao seu poder, fundamentá-la. O escritor não enxerga nenhum sentido na existência humana, pois ela terá sentido na medida que o homem lhe der. Ele mostra-nos a verdadeira absurdidade da existência humana e como ela é diferente devido à maneira do ser

humano reagir às mais diversas experiências, a saber: a morte, a angústia, a solidão, o medo, a depressão, a velhice e a doença. Para Camus, o ser humano é um estrangeiro de si mesmo e do mundo. O mundo não foi criado sob medida para o ser humano, porque não corresponde ao que ele sonha e deseja, nem mesmo recompensa qualquer um de suas dedicações e esforços. Face ao distanciamento deste divórcio entre o ser humano e o mundo é que nasce o absurdo. O ser humano carrega em si o instinto de desejo de ser feliz e entender o mundo, naquele intervalo de tempo, a pessoa humana depara-se com a situação de injustiça que só lhe dará um sentimento de frustração e de pura angústia. O mundo é, sem dúvida, indiferente aos desejos das pessoas. Aí está o sentimento do absurdo. Quem aprisiona o “vírus” do absurdo é a inteligência. Somente ela nos mostra a dualidade. Frente ao jogo perigoso entre o absurdo do mundo e o ser humano: tenacidade e lucidez.

## 2. A ÉTICA IMANENTISTA DE GRACILIANO RAMOS EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Nos quatro volumes de “**Memórias do Cárcere**”, de Graciliano Ramos, denominado de Viagens, Pavilhão dos Primários, Colônia Correccional e Casa de Correção, como veremos em seguida, abre espaço para estudo de temas que mantém conexão com a problematização deste ensaio: **o absurdo e a revolta como condições do sujeito ético**. Isto significa que a ética, enquanto morada dos homens, não é algo pronto, é uma construção, porque o ser humano está sempre se modificando e modificando o seu ambiente. Por meio de suas “Memórias”, acompanha-se as diversas mudanças em que o protagonista, ao espelhar-se frente na sua própria imagem, diz da intensidade de viver as mais variadas experiências possíveis de desfrutar aqui, o presente, as riquezas que o mundo oferece ou as suas contradições. O homem que ainda não sabe do absurdo vive automaticamente, pois, objetivamente, não conhece o sentido de seus atos. Eis aí o alargamento do homem absurdo e da ética da quantidade em Ramos e Camus, cumprindo assim a aproximação de ambos os escritos. O alargamento da ética em Graciliano Ramos é exercida à medida que relata seres humanos definindo em prisões. Através destas descrições, ele produz o que Camus chama de “a obra absurda”, que veremos na terceira parte deste estudo, pela qual manifesta a sua revolta e demonstra a sua preocupação com o destino da humanidade. Ser um sujeito ético implica possuir uma consciência ética e problematizar os valores pelos quais se orienta e conduz a sua vida. É comum do pensamento filosófico de que a vivência das virtudes se realiza na cidade (Polis) e pelo esforço do conhecimento acerca do bem. Colocando o sujeito em condição de escolha, capaz de liberdade.

Diante do que deparamos com questões pertinentes ao campo da ética constatamos que esse texto carece de uma abordagem capaz de reconstituir na sua unidade um posicionamento mais atuante e crítico do cidadão diante do mundo e de si mesmo. Portanto, pelo escopo filosófico, o sujeito tem a possibilidade de assumir-se perante a responsabilidade do seu próprio destino, porque, historicamente a filosofia ocidental nasceu como tentativa de interpretação dos porquês da realidade. Encontramos no ser humano o desejo de

expressar a realidade de uma forma diferente da normalmente usada pela filosofia, por meio da arte, da literatura, o que é feito, por exemplo, pela corrente filosófica mais fascinante do século XX: o existencialismo. Desse modo, a explicação dos aspectos filosóficos dessa literatura constitui um terreno importante de verificação das Ciências Humanas.

A obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos foi publicada postumamente, em setembro de 1953, em quatro volumes e, passou a ser problematizado desde o título, porque o sujeito ético exige a liberdade como condição de sua existência. A liberdade é um processo de conquista que se dá nas relações que ser humano estabelece consigo mesmo, com o outro, com o mundo, incluindo aí, o mundo trabalho/natureza. Esta liberdade é basicamente guiada pela consciência e pela razão amorosa para com a humanidade. Portanto, não é lícito afirmar que tudo é permitido, porque “as derrotas de um homem não julgam as circunstâncias”. A ideologia neoliberal burguesa nos é transmitida das mais variadas formas em nosso processo de formação. Incutem-nos valores que devem ser questionados. Assim, mecânica e maniqueisticamente, aprendemos que existem o bem e o mal. Tudo que desafia os “bons” costumes da civilização é considerado fora dos padrões e da ordem. Daí o culto a ordem e à violência, procurando negar a existência do conflito dando-lhe um conteúdo. Por isso, as instituições de produção de ensino e da cultura correm o risco de funcionarem também dessa forma. O contexto histórico em que se situa e se desenrola a vida de G. Ramos interfere em toda sua produção intelectual, na sua postura de escritor absurdo. É desse modo que Ramos nos ensina no primeiro capítulo de suas “Memórias” em que:

Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda podemos mexer. [...] Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá: se o fizermos, perderemos qualquer vestígios de autoridade e, quando formos verazes, ninguém nos dará crédito. De fato ele não impediu de escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse a exercício. (RAMOS, 2004, p. 34).

O próprio autor levanta o questionamento do limite de sua existência, portanto, apesar desse espaço reduzido, ele pode e deve agir com ética e responsabilidade. Sem negar, jamais, os cárceres históricos pelos quais atravessou o escritor Graciliano Ramos. A sua obra “*Memórias do Cárcere*” que é reconhecida pelo seu valor literário, filosófico e histórico, porque oferece importante contribuição sobre a natureza humana, as relações interpessoais e os direitos humanos, apesar que Ramos não chegou a concluir, faltando o capítulo final. O livro é fruto da sua prisão em 1936 por conta de seu envolvimento político com a chamada intentona comunista, em 1935. Isto sugere uma reflexão sobre a quantidade de encarceramentos pelos quais passamos face ao processo de alienação a que somos submetidos na vida. Ao elaborar “*Memórias do Cárcere*”, Graciliano Ramos parte do percebido, do conhecido nas prisões do quartel de Maceió, do quartel do Recife, do navio Manaus, do Pavilhão dos Primários, na Colônia Correccional e Casa de Correção, onde

vai denunciar os temas sociais do seu tempo e faz isso dez depois para tomar a necessária distância crítica desses acontecimentos. Nisso aproxima muito bem História e Literatura.

## 2.1 PROPOSTA ÉTICA IDENTIFICADA NA OBRA “MEMÓRIAS DO CÁRCERE”

Partimos dos pressupostos éticos de Marilena Chauí (2016) que compreende que o sujeito ético não é elaborado pela própria natureza nem tão pouco criado a partir do conhecimento do senso comum, mas por meio de um processo de educação que promova à pessoa desenvolver o seu potencial humano e que seja capaz de reconhecer-se como sujeito da ação e reconhecer a extensão e a implicação de sua ação para si mesma e para os outros. Nessa direção, partindo de CHAÚÍ, a existência ética sempre possibilita motivos de debates e diz que:

O sujeito ético ou moral, isto é, a pessoa só pode existir se preencher as seguintes condições: ser consciente de si e dos outros, isto é, ser capaz de reflexão e de reconhecer a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a ele; ser dotado de vontade, isto é, de capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos (para que estejam em conformidade com a consciência) e de capacidade para deliberar entre várias alternativas possíveis; ser responsável, isto é, reconhecer-se como autor da ação, avaliar os efeitos e consequências dela sobre si e sobre os outros, assumi-la bem como as suas consequências, respondendo por elas; ser livre, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos, atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constringam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa. A liberdade não é tanto o poder para escolher entre vários possíveis, mas o poder para autodeterminar-se, dando a si mesmo as regras de condutas. (CHAÚÍ, 2016, p. 312-333).

Ao abordar a problemática do sujeito ético, a professora Marilena Chauí remete à questão da consciência, pois, para ela, a conduta ética pressupõe o agente consciente, capaz de conhecer, julgar e agir, responsável pelas consequências de suas opções. E a obra Memórias do Cárcere segue ao encontro do postulado de Chauí sobre o sujeito ético, indicando, como virtudes do homem absurdo, a lucidez e a honestidade. Porque o homem absurdo é, sobretudo, um homem ético. O manifesto ético na obra alia-se a uma crítica e a uma revolta política contra o Estado Novo de Vargas opressor e seus aparatos que aprisionam, alienam e fazem inúmeros reprodutores inconscientes de tal sistema. Por isso, exige-se que a pessoa tenha uma conduta ética, mas, geralmente, não se pergunta se ela tem condição de ser ética, se ela recebeu educação para ser ética e se ela, além disso, em toda sua vida, tem sido respeitada como pessoa.

### 2.1.1 O ALARGAMENTO DA ÉTICA EM GRACILIANO RAMOS

Permanecemos na direção dessa parte à procura do olhar da ética nas relações humanas, esclarecendo que compreendemos, não como moral, enquanto um “varal” de virtudes, valores e de normas que orienta as pessoas em uma determinada comunidade, mas como Filosofia Moral ou Ciência da Natureza, que se debruça sobre a reflexão dos estatutos da existência humana e sua ação no mundo. Partindo do pressuposto que cada realidade participa de uma verdade intrínseca, pois nas diversas realidades naturais e, portanto, no conhecimento humano a verdade é sempre parcial, relativa e progressiva. Isso não implica nenhum relativismo, mas a “verdadeira” compreensão do caráter racional da verdade. A lição que tiramos: a verdade diz respeito a uma relação entre o conhecido e quem o conhece. A ética é íntima da Filosofia. A ética é uma construção dos gregos e é uma realidade da ordem dos fins: do viver bem. O termo ética vem do grego *ethos* que significa casa, morada, lugar e remete à ideia de costumes. Para conceber a ética como morada do ser humano, torna-se necessário pensá-la como sendo o corpo, o país, a escola, o mundo. O lugar da liberdade. Para exemplificar, Graciliano Ramos, em primeira mão justifica a sua posição ética diante dos outros presos: “Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos defeitos a sombra dos meus defeitos”. (RAMOS, 2004). É de fato o outro, é, pois, o olhar do outro, que nos forma e nos torna melhor. Ao responder a uma carta do Cardeal de Roma, Martini, Umberto Eco (199) diz que a dimensão ética começa quando entra em cena o outro.

### 2.2 COLÔNIA CORRECCIONAL E CASA DE CORREÇÃO: UMA PROPOSTA ÉTICA

Já de posse dos conceitos de absurdo e revolta neste item vamos buscar articular “O Mito de Sísifo: um ensaio sobre o absurdo”, de Albert Camus e a obra “Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, sobretudo à fase que relata suas vivências na Colônia Correccional e Casa de Correção. Eis aí uma tarefa ao mesmo tempo diferente e enriquecedora. Memórias do Cárcere é o relato vivencial das experiências que Graciliano Ramos, o homem absurdo, vive no contexto do histórico do “absolutismo novo”, constituindo-se, assim em uma obra de grande riqueza literária, sociológica, psicológica, filosófica e histórica, trazemos para o debate público. Albert Camus (1989), referindo ao conceito, diz que “é desta separação entre o eu e o mundo que brota o absurdo”. Face a dura realidade da constatação do confronto humano com o mundo, com a miséria humana, surge a revolta camusiana. Segundo o escritor argelino, a revolta dilata a consciência. A partir dela, já sem esperança de futuro, o ser humano esgotará sua vida até o fim, num profundo mergulho em si próprio. Esta é a ética objetiva do ser humano, espírito aberto ao infinito, mas condenado a viver no finito.

À medida que escreve as suas impressões da prisão, “de cárcere em cárcere, de enxovia em enxovia, de presídio em presídio” (SODRÉ, 2004, p. 25), com propriedade singular,

Graciliano Ramos confere a ousadia de assumir com responsabilidade face ao enfrentamento do absurdo da existência, porque se fez ético, e se preocupou com o problema da humanização, como podemos averiguar conforme esta citação absurda:

Aqui findo o resumo dos empecilhos até hoje apresentados à narração que inicio. Terão eles desaparecidos? Alguns se atenuaram, outros se modificaram, determinam o que impediam, converteram-se em razões contrárias. Estarei próximo dos homens gordos do primado espiritual? Se me achasse assim, iria roncar, pensar na eternidade. Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze. Contudo é indispensável um mínimo de tranquilidade, é necessário afastar as miseriazinhas que nos envenenam. (RAMOS, 2004, p. 34).

Dessa forma, essa experiência de Graciliano Ramos diante dos cárceres pelos quais passou significaram pôr em risco a sua própria vida para não ser submergido pelo fracasso de ser. Em Ramos há um compromisso social que nos convida a refletir sobre alguns temas importantes para a realização da pessoa humana: a solidariedade, o amor, a liberdade etc. São vivências excepcionalmente humanas e fundamentais na luta contra o absurdo. Ramos foi um escritor ético que vivenciou e testemunhou as mais diversas formas de crueldade que um preso pode suportar. Ele descreveu as mazelas da prisão e, desse modo, fez aproximação com os existencialistas, caracterizamo-lo pelo fato de que o caminho que conduz ao ser passa pelo próprio homem, uma vez que esse é o ente que se propõe a perguntar sobre o verdadeiro sentido do ser. É também aquele ente que não se deixa reduzir à noção que identifica o ser com a objetividade, isto é, como diz Heidegger (1889-1976), com a simples presença. O homem não pode se reduzir a objeto puro e simples no mundo: o ser é nunca uma simples presença, já que ele é precisamente aquele ente para o qual as coisas estão presentes, usando a expressão do DASEIN, pelo qual o homem é um ser-no-mundo. A estrutura básica da literatura de Ramos se baseia em poder estar no mundo dos homens que se expressam pelo cuidar de si e dos outros homens, priorizando as relações entre os outros seres, auxiliando-os a ajudar a conquistar a liberdade de assumir seus próprios atos.

### 3. MEMÓRIAS DO CÁRCERE: UMA CRIAÇÃO ABSURDA

Na obra *Memórias do Cárcere*, Graciliano Ramos ultrapassa a ficção, isto é, passa desta ao depoimento tanto pessoal quanto de uma época e apresenta documentos importantes para a história, porque “os vencidos também merecem um lugar na História. Não devem ficar no anonimato” (CALASANS, 1986, p. 7). É um depoimento frente às instituições – a educação, a imprensa, a justiça, porque lança uma reflexão sobre o funcionamento das estruturas sociais,

econômicas e políticas. O Velho Graça, como era carinhosamente chamado, não conta simplesmente histórias, mas expõe uma cosmovisão de mundo.

No primeiro livro de suas Memórias, ao colher a notícia de que Luís Carlos Prestes tinha sido preso - uma informação de um tio que o transportara pelo sertão - escreve que “O depoimento desse sertanejo bronco valia mais, para mim, que as tiradas ordeiras da imprensa livre, naturalmente interessada em conservar privilégios, fontes de chantagem e pouco disposta a esclarecimentos perigosos” (RAMOS, 2004, p. 80). Referindo-se ao papel de sua esposa Heloísa Leite de Medeiros (1928-1953) no processo de ligação com o exterior, desabafa: “Um governo corrupto disfarçava as mazelas e restaurava-se, coloria-se de novo, expunha-se à luz favorável. Todos os meios de publicidade a articular-se contra nós, nenhuma defesa” (RAMOS, 2004, p. 288). Ainda que a ficção tenha sugerido seu posicionamento face às instituições de repressão de Getúlio Vargas. Memórias do Cárcere é o arquétipo da aplicação sistêmica do aparelho de repressão para que ocorra o amoldamento ideológico, ou ainda, para dar satisfação aos grupos do poder de que os descontentes estão sendo devidamente reprimidos.

Penso agora em embrenhar a respeito da criação absurda presente na absurdidade da existência de Graciliano Ramos -, em suas Viagens ao Pavilhão dos Primários -, e prisão na Colônia Correccional e na Casa de Correção. Desse modo, não só elucida que a obra Memórias do Cárcere é uma criação absurda na concepção do conceito camusiano, como também faz isso com coragem e lucidez, qualidades de virtudes de alguém com traços do homem absurdo, pois, somente depois de dez anos G. Ramos deu início na elaboração da obra, colocando as suas impressões pelo que passou no cárcere. E desta experiência de fazer sentir que nasce a alegria da criação absurda. O absurdo em Graciliano Ramos pode ser examinado por meio das múltiplas formas da existência humana. A obra absurda exige que o escritor esteja consciente da limitação da sua obra de arte. Isto quer dizer da limitação da própria razão e não cair no irracionalismo. Esta não pode ser o fim ou a consolação de uma vida, pois criar ou deixar de criar não muda nada. O criador absurdo não pode estar preso à sua obra. Até porque a obra de arte coloca-se também como faceta do absurdo e não como salvação ou consolação do homem face a ele. É preciso descrever o absurdo.

## CONCLUSÃO

Memórias do Cárcere foi escrito dez anos depois da prisão de Graciliano Ramos, como deixa registrado o autor: “Demais já podemos enxergar luz à distância, emergimos lentamente daquele mundo horrível de treva e morte”. Ainda de sua justificativa ressoa: “Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos” (RAMOS, 2014, p. 37). Isto também por perceber que a sua publicação seria postumamente como se deve ser a uma obra de memórias? Graciliano Ramos mergulha dentro de si e de sua época, tecendo

uma crítica aos “Aparelhos Ideológicos do Estado”. As ações de G. Ramos denotam que o engajamento ético vai muito além de uma adesão ao tipo “militante panfletário”.

Sobral Pinto, advogado da época e que redigiu o processo de defesa de Graciliano Ramo, atribuiu-lhe um peso em sua prisão ao dizer que “nos seus romances, homem. Com as leis que fazem por aí, os seus romances dariam para condená-lo” (RAMOS, 2014, p. 144), pois este é o homem absurdo e de obras absurdas, denunciadoras das injustiças da sociedade e sujeito de uma vivência ética imanentista, porque “o homem absurdo é aquele que, sem o negar, não faz nada para o eterno” (CAMUS, 1989). Não havia nenhum processo em aberto a respeito de Graciliano Ramos. Nada se apurava contra ele. Ficou dez meses e dez dias na prisão. A sua “liberdade” ocorrera no dia 13 de janeiro de 1937. Era um homem de um tipo psicológico racional introvertido e de pouca conversa. Como escritor se destacou em diversos momentos da história brasileira. Seus personagens e suas memórias representam os mesmos problemas que assolam o ser humano no tempo presente. No transcurso desta luta, pulula na obra, incessantemente: o humanismo como realização humana. Escreveu todos os quatro volumes em registro contínuo, com uma certa lentidão, mas sem interrupções. Ficando sem escrever o último capítulo destas memórias por conta do seu falecimento em 20 de março de 1953, vítima de câncer.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. O existencialismo. In: *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1970, v. XIV, Cap. XV.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. *O absurdo na obra de Graciliano Ramos: ou de como um marxista virou existencialista*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1981. (Dissertação de Mestrado).
- CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo: um ensaio sobre o absurdo*. 3. ed. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. A ética. In: *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2016, p. 312-333.
- ESÍNOLA, Maria Cristina de Oliveira. *O absurdo e a revolta na primeira fase do pensamento de Albert Camus*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1985. (Dissertação de Mestrado).
- LIBÂNIO, João Batista. *Formação da consciência crítica: subsídios filosóficos-culturais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: Conferência dos religiosos do Brasil, 1982.
- PINTO, João Pereira. Albert Camus e Graciliano Ramos: o absurdo e a revolta como condição do sujeito ético. In: CRUZ, João Everton. *Colônia correcional e casa de correção: uma proposta ética*. Belo Horizonte: PUC Minas, 1998, p. 75-99. (Pesquisa FIP/PUC 97/019-P).
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SODRÉ, Nelson Werneck. Prefácio. In: RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 9-30.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1988. (Filosofia, 8).